

MUAY THAI: UM RELATO DE RESSIGNIFICAÇÕES

Pedro Xavier Russo Bonetto

EMEF Julio Mesquita

Resumo

O trabalho foi realizado no ano de 2013, em uma escola municipal de São Paulo, com uma turma de 5º ano do ensino fundamental. Pautados no currículo cultural do componente, anunciado no currículo oficial do município de São Paulo, tematizamos o Muay-Thai e suas transformações. Pesquisamos sobre a origem no sudeste asiático (onde hoje é a Tailândia) quando era utilizado como forma de defesa e ataque em guerras, até os dias atuais, ensinado em várias academias, inclusive nas circunvizinhanças da escola. Por meio das diversas formas de vivência que criamos, somado aos debates, aulas expositivas, pesquisas na internet e revistas, depoimentos de praticantes e uma visita a uma academia de lutas do bairro, pudemos conhecer os golpes, regras, ritos, formas de competir, intenção das pessoas que praticam e os já referidos contextos históricos e culturais. Por fim, também ressignificamos a referida luta de forma que os/as estudantes puderam adaptá-la em ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação física. Currículo Cultural. Muay Thai.

Introdução

Significado é um conceito típico da Linguística estruturalista Saussuriana, ciência que estuda a linguagem e as formas de comunicação e entendimento. O termo refere-se ao conceito atribuído a um determinado “signo¹”, ou seja, um valor, um sentido, um conteúdo semântico, uma ideia, que torna possível a interlocução entre comunicador e comunicado. Em termos pós-estruturalistas, diríamos que o signo não é a presença do significado, isso é uma ilusão ou vontade de fixar um sentido que sempre escorrega. Assim, o significado é uma construção histórica, social e, sobretudo cultural, pois trata-se de um código, um conjunto complexo de informações produzidas, e constantemente reproduzidas, ao longo da história das culturas. Os significados constituem nossas representações e identidades sobre a vida e sobre o mundo. De acordo com Eagleton (2001, pg. 176):

A significação é o subproduto de um jogo potencialmente interminável de significantes, e não um conceito firmemente ligado a um determinado significante. O significante não nos revela o significado diretamente, como um espelho reproduz uma imagem; na língua, não há uma série harmoniosa de correspondências diretas entre o nível dos significantes e o nível dos significados.

¹ É aquilo que precisa ser representado e em conjunto compõe a linguagem. Relaciona-se com o(s) significado(s) e com o(s) significante(s). Na teoria pós-estruturalista, os signos são instáveis, não fixam nem estabelecem uma relação direta com seu significado e significante.

Nessa perspectiva, ressignificar é atribuir novo significado ou recodificar. Trata-se de colocar sua marca na linguagem, é deixar na linguagem “outra” um pouco da “sua”. Ressignificar conjuga-se como alterar, modificar, adaptar, reelaborar, transformar ou como reproduzir, repensar, refazer e tantos outros verbos, que indicam uma produção de sentido somados ao prefixo “re” de repetição.

Em relação à educação e frente aos artefatos culturais, Neira (2011), afirma que ressignificar implica atribuir novos significados a um artefato produzido em outro contexto com base na própria experiência cultural. Complementa afirmando que a ressignificação é certa quando as alterações das condições sociais levam os sujeitos a recriarem o produto original, visando readequá-lo para que seja apreendido pelos participantes do processo.

Ressignificar é uma prática constante, uma vez que a linguagem não para de se transformar. Muitas vezes também não se têm controle sobre o processo, uma vez que acontece como diria Hall (1997), no âmbito da cultura, local de luta por significados:

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e mais variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto eles constituem nossas culturas (pg. 16)

Diante das condições socioculturais contemporâneas, dentre elas a globalização e o veloz desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, que proporcionam inúmeras oportunidades de contatos/confrontos entre as culturas, há aqueles que lutem contra as ressignificações de seus artefatos culturais. Vejamos os grupos que, por exemplo, visam manter puros, preservar ou resgatar determinados aspectos de uma prática corporal que está se transformando. Na educação física escolar, são comuns projetos com objetivos como: “resgatar as brincadeiras populares” ou “preservar o sentido das cantigas de roda” ou ainda, “revalorizar as danças de origem afro-brasileiras, excluindo seus sentidos sensual e sexual atribuídos na contemporaneidade”. Lutas dignas, porém que não podem frear as ressignificações. Elas estão à solta, ao léu na cultura. Impossível prever ou ainda regular como os grupos se apropriam, ou significam, dada manifestação. García Canclini (2009, *apud* Neira 2011) retira qualquer caráter inocente da ressignificação ao denunciar a presença de relações de poder que favorecem aqueles que dispõem de maior força para modificar o significado dos objetos.

No estrado do currículo cultural da educação física, ao entender as práticas corporais, tais quais: ginásticas, danças, brincadeiras, jogos, esportes e lutas, como artefatos culturais, ou seja, produções lúdicas da motricidade humana sistematizada, o que se pretende além de, tematizar as regras, ritos, materiais, formas de organização, identidades e representações, é analisar as condicionantes sociais, históricas e culturais que interpelam as práticas corporais. Neira e Nunes (2009), afirmam que as manifestações da cultura corporal foram produzidas em um contexto sócio-histórico-político específico com determinadas intenções, sentidos e significados, porém com o passar do tempo, ressignificaram-se, sofrendo inúmeras transformações em virtude da inter-relação com a cultura.

Desse modo, o currículo cultural de educação física procura posicionar os alunos e alunas como sujeitos históricos, produtores e transformadores de cultura, dando-lhes a possibilidade de intervirem enquanto leitores e intérpretes das gestualidades, sugerindo modificações e transformações que se tornam tão relevantes quanto à vivência da prática como ela comumente é significada. Neira (2011, pg. 128) afirma também que:

Ora, se a maioria das manifestações da cultura corporal atravessou um longo percurso de transformações desde o seu surgimento, a vivência desse processo constitui experiência pedagógica da maior relevância.

O relato em questão foi escrito tomando como referencia o conceito de ressignificação, isso porque ele se aplica tanto em relação ao objetivo inicial que era ancorar socialmente e historicamente² o muay thai, compreendendo algumas de suas inúmeras transformações, quanto ao outro objetivo que se fez necessário, adaptar a referida luta dentro da escola, quando os alunos e alunas pediram para “lutar pra valer”. Cabe ressaltar que nesse currículo cultural, os objetivos do projeto não são estabelecidos *a priori* nem se tratam de conteúdos dados como fundamentais muito menos “mínimos”. Partem sempre da tematização dos conhecimentos e discursos que os alunos e alunas interpelam sobre o tema. Neira (2011) completa, sejam eles “acadêmicos, do senso comum, populares ou pertencentes a outros grupos”, considerando as relações com o projeto pedagógico da escola, dúvidas, angústias, interesses, bem como a desconstrução dos discursos essencialistas e/ou preconceituosos que possam circular em torno da prática corporal.

² A ancoragem social e histórica dos conhecimentos é tomada como princípio do currículo cultural de educação física. Visa principalmente posicionar o conhecimento como produção histórica de determinados grupos em determinados contextos, evitando naturalizações e universalizações.

Desenvolvimento

O projeto aconteceu com duas turmas de quinto ano (antiga sexta série) no segundo semestre do ano de 2013, em uma escola municipal de São Paulo. Antes deste, tínhamos feito um projeto com skate.

Começamos esse novo projeto com uma atividade em sala de aula, um mapeamento, que tinha como objetivo saber o que eles conheciam sobre lutas e dança, e assim, definir nosso novo tema. Ainda no início da aula reparei algumas meninas no fundo da sala brincando de algo que parecia uma lutinha. Perguntei pra elas se elas tinham o costume de brincar assim e quais eram as regras. Me disseram que elas gostam sim, e que algumas vezes lutavam contra alguns meninos e que geralmente ganhavam. Sobre as regras, percebi que simulavam chutes e socos, aplicavam alguns empurrões e declaravam o ganhador aquele que fizesse o outro desistir. Voltando à atividade, perguntei para os alunos e alunas se tinham pensado no tema das nossas aulas para esse segundo semestre. Disseram inúmeros temas, ping-pong, futebol, basquete, hip-hop, e algumas outras.

Considerando o mapeamento realizado no início do ano letivo, lembrei que ainda não tínhamos estudado danças nem lutas. Perguntei se aquela luta que estavam fazendo no fundo da sala não poderia ser nosso tema. Um grupo de alunos disse que não, porque elas não sabiam nada, e que aquilo não era bem uma luta. Logo, começaram a propor lutas como jiu-jítsu, muay thai, MMA e boxe.

Continuando a conversa, disse aos alunos e alunas que aquela luta que estavam fazendo parecia muito com muay thai, um dos alunos nos disse que estava fazendo aulas de muay thai em uma academia, se propôs a nos ajudar com as práticas e afirmou que seria ótimo estudar essa luta na escola. Decidimos também que íamos registrar algumas pesquisas e lições num caderno e nossas práticas registraríamos pendurando fotos e vídeos numa página da turma no *facebook*.

Na aula seguinte levei para turma assistir, um vídeo em forma de documentário confeccionado pelos alunos e alunas dessa outra turma que tinha estudado o muay thai no ano de 2012³. Pedi para que os alunos anotassem as informações que achassem importante do vídeo. A grande maioria anotou apenas o nome dos golpes e ao término já queriam ir pra quadra reproduzi-los. Continuamos em sala, perguntei pra eles e elas se já tinham presenciado ou assistido pela televisão uma luta de muay thai. Perguntei ainda se mais algum aluno ou aluna conhecia locais de prática dessa luta nos bairros da vizinhança da escola. Apenas o

³ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=YQB54K56aYY>. Acesso em 25 de junho de 2014.

aluno que estava fazendo aulas disse que já viu uma luta, os outros nem assistido pela televisão tinham, muitos confundiam com lutas de MMA. Registrei essas informações num diário para que apontassem os rumos do projeto.

Já na segunda semana de aulas, fui com a turma para a quadra. Lá pedi que fizessem duplas e me mostrassem como achavam que era uma luta de muay-thai. Como lição de casa, pedi que descrevessem as características da luta nos cadernos: “É uma luta de soco e chute”, “Não vale fugir”, “É no ringue, e tem que bater até o outro cair”, “é uma luta em pé, que pode chutar e dar socos, não pode segurar, não pode morder, não pode bater no saco”.

Novamente na quadra pedi que me mostrassem os golpes que tinham visto e anotado caderno. Vivenciaram do *jab*, direto, chute alto, chute baixo, joelhada e cotovelada. Fizemos cada um deles e como diziam, estávamos “treinando”. Começamos em duplas, enquanto um executava o golpe o outro usava um colchonete como aparador. Aqui nossa primeira ressignificação da prática, tudo registrado por fotos e vídeos no *facebook*.

Um dia, uma das alunas, sugeriu que usássemos um “saco de pancada”, eu disse que não tínhamos esse material na escola, mas que eu poderia solicitar junto à direção da escola para comprarmos. Na aula seguinte, essa aluna estava com a mãe na porta da escola, ela tinha trazido um “saco de pancada” do irmão mais velho para usarmos durante as aulas. Quando os outros alunas e alunos viram foi um alvoroço, lembro-me de dizerem algo mais ou menos assim: “Agora sim! Isso sim é coisa de luta!”. Certamente não tinham significado o colchonete como objeto da luta. Penduramos e por várias aulas treinamos com esse equipamento. Continuamos a fazer os exercícios do documentário e outros que eles pesquisaram, como o *superman-punch* e *spin-back-punch*⁴.

Sobre as nossas práticas, não demorou muito para que alguém sugerisse um golpe diferente, um golpe inventado, que não estava no documentário assistido. Então começamos a fazer o “chute fantasma”, “chute driblando” e “joelhada voadora”. Eis nossa primeira experiência com a ressignificação em relação aos golpes do muay thai.

Enquanto íamos “treinando” tivemos duas aulas na sala de aula. Li para turma um trecho de um artigo da internet, dizia que o muay thai era conhecido como a “arte dos oito membros” ou “arte das oito armas”, isso porque era a única arte marcial que utilizava além das duas mãos e dos dois pés, ambos os joelhos e cotovelos. Ainda nessa aula solicitei uma pesquisa sobre a história ou origem do muay thai. Poderiam pesquisar na biblioteca da escola,

⁴ Respectivamente soco do super-homem e soco giratório de costas.

na internet durante a aula de informática educativa, para aqueles que tivessem acesso, poderiam terminar em casa e entrevistar e/ou alguém que soubesse responder essa questão.

Na aula seguinte, trouxeram suas pesquisas registradas nos cadernos, vários pegaram na internet e apenas dois alunos, irmãos, entrevistaram uma prima praticante. Pedi que lessem enquanto eu escrevia as informações na lousa, assim conseguiria reunir tudo num texto só⁵.

Depois de tanto “treino” os alunos e alunas insistiam numa pergunta: “Professor, quando vamos parar de treinar e vamos lutar ‘pra valer’?”. Eles e elas tinham razão, mas a pergunta que quis devolver não era “quando” iríamos lutar, mas “como?”. O que estava por trás da minha pergunta era exatamente o conceito de ressignificação. Então, como vamos ressignificar essa luta dentro da escola sem machucar o outro? Dessa pergunta, surgiram algumas sugestões.

A primeira maneira de lutar foi algo parecido com o que aquele grupo de meninas fazia dentro da sala de aula. Simulavam socos e chutes, mas dessa vez, justamente por ser só simulação ninguém desistia.

Outro sugeriu que fizéssemos simulações de socos e chutes, mas que em algum momento um teria que segurar e derrubar o oponente no chão. Fizemos por algumas aulas, mas um aluno incomodado falou: “Professor, isso tá igual ao judô! Nada a ver com muay thai”. Houve uma discussão interessante entre eles e elas, uns dizendo que aquilo era sim muay thai, outros dizendo que era judô.

Observando tudo, reparei que a culpa daquilo tudo era minha. Lembrei que ainda não tinha mostrado vídeos de lutas reais para turma, tínhamos visto algumas regras, muitos golpes, a história, mas ainda não tínhamos visto uma luta.

Na semana seguinte, assistimos quatro pequenos vídeos de lutas de muay thai. Um deles tinha o Anderson Silva, lutador de MMA, competindo profissionalmente muay-thai; outro era de lutadores iniciantes, o terceiro era de mulheres lutando profissionalmente; o quarto era de um lutador francês e outro tailandês, esse entrava no ringue ao som de uma música instrumental, fazia uma dança que na ótica das crianças era engraçada, esse lutador tailandês também usava algo na cabeça e no braço que chamou a atenção de todos e todas. Os alunos e alunas gostaram bastante de assistir as lutas, escolhiam um lado e torciam por esse ou essa lutadora. Viram os nocautes e as decisões dos juízes. No fim da aula, anotei no diário os

⁵ Vimos que muay thai significa arte marcial tailandesa, ou luta da Tailândia e que essa luta é muito antiga cerca de 2000 anos, descende de um método de luta chamado *Chupasart*. Tal método também utilizava armas, como facas, espadas, escudos, machados, bastões, arcos e flechas. O objetivo era se defender de inimigos, de animais, senhores de guerra e em defesa do território. Nesse início o muay thai era muito parecido com o *kung fu* chinês. As lutas muitas vezes iam até a morte e somente por volta de 1920, sob a influência do boxe inglês⁵, os lutadores passaram a usar faixas de algodão e mais tarde luvas de boxe.

comentários sobre a forma de disputa e as curiosidades diante dos objetos e rituais do lutador tailandês.

Na quadra, inspirados nas proteções que viram nos vídeos, um grupo de alunos sugeriu que amarrássemos com barbantes colchonetes nas canelas de cada estudante que fosse lutar. Fizemos isso, inesperadamente pra mim, deu muito certo. A luta foi pra valer como diriam os alunos. O problema era um só: demorávamos uma aula toda pra amarrar os colchonetes nas pernas de apenas seis lutadores.

Por conta da demora, desistimos da amarração, mas registramos nossa tentativa com as fotos no facebook. Foi aí que uma das alunas, tentando simplificar tudo, disse que poderíamos fazer um combinado, entre as pessoas que estavam lutando. Eu estava diante de mais uma tentativa de lutar na escola: cada um tinha que dizer se aceitava golpes fracos, médios ou fortes. Outra aluna tentou, brilhantemente, dizer que o que é fraco para um, não é fraco para outra. E que deveríamos ir “testando” conforme as duplas, o que machucava ou não o colega. Tentamos e era muito interessante a negociação das duplas antes de começar os combates, um dizia para o outro onde e que intensidade poderiam trocar os golpes. Quando reparei, estamos todos lutando muay thai, sem equipamentos, na escola, e para qualquer um que passasse aquilo não podia ser outra coisa além de: muay thai!

Já no meio do semestre, procurei dois ex-alunos de 2012, eles lutavam muay thai e ajudaram bastante a sala deles na época. Fiz o convite pra irem à escola e depois de poucas semanas, eles apareceram na escola. Nos reunimos na quadra, os ex-alunos se apresentaram e aproveitamos para fazer-lhes uma pequena entrevista. Disseram que começaram a treinar porque preferem lutas a esportes com bola. Mostraram os equipamentos, luvas e protetores de perna e bucal, para os alunos e alunas, apresentaram também a *kruang*⁶.

Um das alunas perguntaram se as academias aceitam mulheres e meninas para treinar. Os rapazes disseram que sim, que conhecem muitas mulheres que treinam e lutam, inclusive a namorada de um deles. Um aluno afirmou que é normal mulher treinar, pois a prima treinava muay thai pelo condicionamento físico, porque ela quer ficar com o corpo com “pouca gordura”. Outra vez na espreita, registrei esse discurso com o intuito provocar os alunos e alunas em relação àqueles primeiros objetivos dos lutadores: autodefesa e segurança de território.

⁶ Uma corda trançada, para ser usada no braço, também chamada de *prajied* (*praciat*), disseram que no Brasil e em outros países como os Estados Unidos, por conta das diferentes cores, ela representa a graduação do lutador. Enfatizaram que na Tailândia o muay thai é ensinado sem as graduações e que lá a *kruang* e a dança (*ram muay*) representam uma homenagem aos lutadores antigos, treinadores, algum deus ou a uma cidade ou região. Pura resignificação, pensei eu.

Terminando as apresentações, entrevista e curiosidades, os ex-alunos quiseram mostrar como funciona uma aula numa academia de luta. Fizeram aquecimentos, ensinaram outras posições, novos golpes, sequências com os golpes que tínhamos aprendido e por fim mostraram uma luta. Chamaram de *sparring*, ou seja, uma simulação de uma luta, assim como estávamos fazendo, mas com os golpes encostando, por vezes, víamos que alguns encostavam bem forte. Para aproveitar a deixa, pedimos emprestados os protetores e lutamos “pra valer!”.

Ainda na época do mapeamento, procurei algumas academias de lutas nos bairros próximos da escola. Conheci então um professor de muay thai e contei-lhe sobre o projeto com os dois sextos anos. Ele se disponibilizou a ir na escola ou nos receber na academia.

Então percebendo que seria o momento adequado, marquei com ele e fomos a pé até a academia de lutas. Chegando lá, fizemos novamente algumas perguntas para o professor. Ele nos contou que têm um amigo que foi lutar na Tailândia, e acabou recontando as histórias do amigo. Nos disse que lá o muay thai é o esporte mais popular. Que a maioria das crianças pequenas sonham em ser lutadores famosos, e que por volta dos 18-20 anos de idade, se não conseguem desistem e arrumam um emprego tradicional. Disse também que na Tailândia, existem ginásios que os lutadores amadores podem ir lá, lutar e ainda ganhar algum dinheiro com apostas. Já na aula, fizemos um aquecimento como acontece tradicionalmente nas lutas, treinamos alguns golpes e lutamos. O professor gostou bastante da maneira que lutamos. Foi uma atividade muito relevante para o nosso projeto, conhecer um lutador professor um local de prática dessa luta no nosso bairro e, além disso, mostrar como estávamos lutando.

De volta à escola, já no fim do projeto, outra ressignificação. Essa espontânea e bem interessante. Estávamos falando na aula sobre as inúmeras transformações que o muay thai passou, como luta usada na guerra, muitas vezes até a morte, usada para garantia de território, até os dias de hoje, com campeonatos, luvas, protetores, pessoas praticando por *hobby* ou para melhorar o condicionamento físico. Entre essas e outras ponderações, um aluno chutou o colega, fora de um contexto de luta e fui repreendê-lo pelo ato. Perguntei por que ele tinha chutado o colega e ele alegou que era muay thai, portanto poderia fazer. Afirmou ainda que estava apenas defendendo o seu território. O outro aluno disse que se era assim, então ele poderia usar armas e chamar os amigos dele pra baterem nele. E que isso também era muay-thai. Todos rimos das metáforas criadas, mas alguns deles levaram a sério: “Professor, podemos lutar muay thai como antigamente?” De repente uma enxurrada de sugestões, um queria armas, outros coletes pra definir quem eram os aliados e os inimigos, outro já estava escolhendo uma parte da quadra como seu território.

Essa forma de lutar muay thai, criada na escola, reelaborada pelos alunos e alunas, baseada na origem dessa luta, foi se desenvolvendo até que nas últimas semanas, alguns tiravam par ou ímpar e escolhiam os times, (chegamos a lutar com dois até cinco times); os grupos se posicionavam, invadiam o território do outro; valia dois, três, quatro contra um; chute alto e baixo, *jabs*, diretos, *uppers*, *superman-punch*, e todos os outros golpes que tínhamos estudado. Encerramos nossas vivências com essa nova-velha forma de lutar muay thai. Remoldada, criativa e difícil de ser significada por qualquer outra pessoa de fora do nosso grupo como: muay thai. Parecia mais uma briga de gangues. Mas não foi mais ou menos assim que tudo começou?

Encerramos o projeto com uma avaliação em sala de aula, oralmente tentamos retomar tudo que tínhamos aprendido, e conversamos mais sobre alguma coisa que alguém não lembrava ou não sabia e, por fim, ponderamos sobre a participação de cada um e uma nas atividades.

Referencias Bibliográficas

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.

In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.22. n°2. p. 15-46, 1997.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física**. (Coleção a Reflexão e a Prática no ensino. v.8), São Paulo: Blucher, 2011.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Pedagogia da Cultura Corporal**: críticas e alternativas. São Paulo: Phorte, 2006.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.